

Aliados de quem?

29/02/2008

O companheiro Tarso Genro em [artigo no portal do PT](#) discute a questão central da política de alianças. Seu estilo elegante e analítico tece argumentos favoráveis à uma aliança prioritária do PT com os partidos de esquerda e a partir daí ampliar para o centro. Argumenta também que a política de alianças de 2008 está intimamente relacionada com a política de alianças de 2010. Com relação a estes temas temos ampla concordância.

JOAQUIM SORIANO

Temos concordância também sobre a centralidade da disputa presidencial em 2010. Todo o período histórico das lutas pelo fim do regime militar e pelas liberdades democráticas é marcado pela realização das eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006. Na nossa história republicana é o maior período de sucessão presidencial através do voto. Em todos estes momentos, uma constante: O PT e seu candidato Lula disputaram a Presidência da República. Só isto implica um acúmulo muito grande. E o acúmulo é extraordinário por conta da vitória de 2002, consagrada em 2006. Em 2010 o Presidente Lula não será candidato.

A resolução do Diretório Nacional de 9 de fevereiro de 2008 é precisa: *“No que se refere à preparação da campanha presidencial deve ser aberto um amplo debate interno, com nossos interlocutores partidários e sociais, sobre o aperfeiçoamento de nosso projeto para o país, sobre o papel internacional do Brasil e, conseqüentemente, sobre o programa a ser apresentado nas eleições nacionais – sempre considerando as conquistas, os limites e as contradições de nosso governo, com as vitórias sendo devidamente registradas no balanço político, e as limitações sendo objeto de uma discussão franca e democrática.*”

O debate sobre nossa candidatura ao governo federal, a ser aberto em 2009, estará subordinado a esse aprofundamento programático essencial ao projeto político que estamos construindo.”

A candidatura do PT assim contruída, dialogando com os partidos e os movimentos do campo democrático e popular, sob a coordenação do Presidente Lula, terá grandes possibilidades de vitória. Vencer a eleição será um grande triunfo para o PT e para o bloco político e social que sustenta o nosso projeto. Este desafio é o que organiza as disputas políticas do presente.

A partir destas considerações comento o artigo do companheiro Tarso Genro quando particulariza a aproximação de setores do PT com setores do PSDB em Minas Gerais.

Afirma Tarso: *“A abertura para uma eventual aproximação com setores do PSDB deve ser analisada com cautela e somente será compreensível para a base popular de sustentação ao governo Lula, caso fique evidente seu caráter regional e específico.”*

Até agora o eloquente é seu caráter nacional e universal. Seus principais protagonistas são o Governador do Estado e o Prefeito da Capital. Nas declarações públicas com ampla divulgação pela mídia nacional e entrevistas a jornais regionais, tanto um como outro salientam aspectos de identidade programática para governar o Brasil.

Vejamos a declaração do Governador, em matéria da Folha de São Paulo de 26 de fevereiro, terça-feira passada:

“O governador de Minas Gerais, o tucano Aécio Neves, disse ontem que o PT e o PSDB não devem ser partidos “inimigos”. (...)

“O PSDB e o PT não precisam ser inimigos declarados por toda a vida. Nós, que já temos identidade em tantas questões, em especial nas econômicas, quem sabe não podemos estar juntos na construção de um grande projeto futuro. Em Minas Gerais, estamos conversando”

Além de declarações como a citada, as colunas de comentaristas políticos sempre salientam o aspecto nacional da aliança mineira justamente para um possível arranjo para 2010! Ver, dentre outras, Eliane Catanhede na mesma Folha de São Paulo do dia 26 passado.

A mesma resolução do Diretório Nacional já mencionada é correta quando levanta para a consideração das instâncias locais do partido no que concerne ao PSDB, o seguinte:

“O PSDB, nacionalmente, em aliança com o DEM, cumpre o papel de organizar a oposição política ao Governo Federal. Apesar de suas divergências internas, de uma crise de perspectivas e de eventuais disputas locais com o DEM, o PSDB tem optado por radicalizar a oposição sem quartel ao Governo Federal, colocando-se como alternativa em 2010 – escolha que adquiriu contornos ainda mais nítidos a partir da votação no Senado que resultou na extinção da CPMF. Para além de organizar a oposição política, o PSDB busca reafirmar o projeto neoliberal que marcou sua passagem pelo Governo Federal, colocando-se como alternativa programática ao nosso projeto e organizando as forças sociais que a ele se opõem.”

O debate sobre a aproximação de setores do PSDB com setores do PT em Minas Gerais é um debate nacional e em nada ajuda para a elaboração de uma tática eleitoral a ser aprovada na próxima reunião do Diretório Nacional com base nos pressupostos já definidos em 9 de fevereiro.

A resolução do PT sobre tática eleitoral e política de alianças deverá ser ampla o suficiente para recompor o campo democrático e popular, reconhecer em aliados do centro democrático legitimidade para liderar disputas municipais, mas firme para afastar pragmatismos que matam a política, principalmente quando turvam a nitidez necessária para o combate de 2008 – consolidar no plano municipal conquistas eleitorais, acumulando forças para o desafio de 2010.

Joaquim Soriano é Secretário nacional de Formação Política do PT e dirigente da Democracia Socialista

Compartilhe nas redes: